

# Sugerida modificação na FCDF



Jornalista e arquiteto, Luiz Humberto

Um manifesto assinado por diversas entidades artísticas e culturais de Brasília foi enviado à Secretaria de Educação do Distrito Federal propondo o nome do fotógrafo jornalista e arquiteto Luis Humberto Pereira para assumir o cargo de diretor executivo da Fundação Cultural do DF, atualmente ocupado por Rui Pereira da Silva.

A iniciativa dos intelectuais foi tomada em virtude do descontentamento da classe em relação a administração de Rui Pereira, considerada nula em matéria de incentivo à cultura, onde o elitismo e o paternalismo predominaram durante os sete anos de sua gestão.

## PROPOSTA

O nome do fotógrafo, jornalista e arquiteto, Luis Humberto foi indicado à Secretaria de Educação e Cultura como uma nova proposta para a classe intelectual, que se considera insatisfeito com a gestão do atual diretor executivo da Fundação Cultural.

Segundo o cineasta Geraldo Sobral, Luis Humberto reúne características pessoais e profissionais que o qualificam a dirigir a FCDF eficientemente. "Luis é pioneiro em Brasília, conhece de perto o

problema da classe intelectual e tem propostas significativas para a solução destes".

Há um consenso geral das diversas entidades culturais sediadas em Brasília, que assinaram o manifesto enviado ontem a SEC. - "O nome de Luis Humberto foi resultado de um consenso", declarou o poeta e secretário do Sindicato de Escritores do DF, Fernando Mendes Viana, que acrescentou; "a iniciativa do Governo em indicar o nome de um intelectual para o Ministério da Educação e Cultura (Eduardo Portella) torna absurda qualquer nomeação sem condição cultural para o cargo de diretor executivo da Fundação Cultural".

Para o poeta, que tem 18 anos de experiência de Brasília em atividades culturais, o atual diretor da FCDF, Ruy Pereira "é uma nulidade mais perniciosa do que as sete pragas do Egito".

Muitos exemplos de falhas da administração de Ruy Pereira foram apontados pelos intelectuais que elaboraram o manifesto. Um deles é o fato que aconteceu recentemente com a peça Revista do Henfil. Segundo Fernando Mendes, um pedido foi feito pelo ministro Eduardo Portella e Rui Pereira para que este concedesse a Ruth Escobar uma sala de

exibição. Em virtude da reposta negativa de Rui que argumentou falta de salas, Bené Setenta, presente ao escritório do ministro ofereceu a sala do Teatro Nacional que ocupava na ocasião. Mesmo diante do ato, Rui negou-se a "modificar o programa da Fundação e não abriu mão de um local para a peça". Este exemplo é acrescido de muitos outros, considerados como «censura branca». Este exemplo é diretor, além da Censura Federal. "Deste modo ele limitava as atividades teatrais em Brasília, trazendo só espetáculos digeríveis pelo público", declarou Geraldo Sobral.

O paternalismo de Rui também foi criticado no manifesto, exemplificado na "proteção aos grupos teatrais locais, promovendo quantidade deles, visando projetar-se politicamente", declarou Sobral.

O manifesto denuncia uma série de anormalidades ocorridas na administração de Rui Pereira, analisando cada uma delas como meio de tornar evidente a necessidade de mudar o panorama atual da Fundação Cultural do Distrito Federal. As modificações seriam de satisfação da maioria se aceita a proposta indicado de conceder o cargo da direção do órgão a Luis Humberto.